



# PRÉ-LIVRO: PROJETO EXPERIMENTAL PARA DESIGNERS EM FORMAÇÃO

Livro e design, essas palavras me acompanham. Nos meus tempos de aluna do curso de design - então chamado Desenho Industrial, habilitação em Programação Visual - em meio a identidades visuais, sinalizações, cartazes e muito desenho técnico, fiz um trabalho bem diferente, experimental: um pré-livro, onde além de papel, usei algumas sucatas, botões e... gel para cabelo! Foi um exercício inspirado nos projetos de Bruno Munari, cuja importância para a história e teorias do design são inegáveis. Tempos depois estava eu diante da tarefa de ministrar a mesma disciplina aos meu próprios alunos, na mesma universidade, a Unesp de Bauru.



**1 Um registro inicial pode ser encontrado em: Domiciano, C. L. C. O Designer e a Produção Editorial: do Livro ao Pré-livro. Anais do 4º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo, Faculdade de Belas Artes do Instituto Alvares Penteado, 2004**

Contei durante um bom tempo com o apoio do meu mestre, então transformado em colega de departamento e amigo, o professor José Luiz Valero Figueiredo. Diante do programa iniciado por ele, vi-me desafiada por aquele objeto, tão rico, tão pouco ortodoxo, sem grids ou letras legíveis. Livro e brinquedo, livro e jogo, livro e histórias sem fim.

As possibilidades dos pré-livros me envolveram durante muito tempo. Seja em pesquisa, seja em prática, acompanhando a criação de dezenas deles por ano. Também o livro infantil com e sem texto me cativou. Foram muitos os projetos de conclusão de curso orientados, onde a experiência é ainda mais consistente. Anos de investigação foram transformados em artigos, apresentados em congressos, defendidos em tese. Mas da experimentação singela da sala de aula quase nada registrei! Aproveite essa oportunidade onde a experiência didática é o destaque, para dividir de maneira mais completa o processo de criação e execução de alguns pré-livros especiais e marcantes.

## PESQUISAS PRELIMINARES

Ao assumir a disciplina de Produção Gráfica e manter como exercício a produção de pré-livros, senti a necessidade de entender melhor não só esse objeto, mas suas possibilidades enquanto produto de design, experimentação metodológica e projeto voltado a um público bem específico e especial: as crianças.

Sempre acreditando na importância da pesquisa antes da criação, pude estruturar a disciplina contemplando a busca de conhecimento do designer em áreas diversas – multidisciplinares - para dar consistência a seus projetos.

Assim, além do resgate de teorias do design consideradas fundamentos para a construção da mensagem gráfica - talvez esquecidas pelos alunos do 3º ano do curso (onde a disciplina se localiza no novo currículo do curso, agora chamado Design) ou, mais ainda, do 4º ano (quando a disciplina acontecia no currículo anterior) - valorizei passeios pela psicologia, pedagogia, arte-educação, literatura e demais áreas necessárias para cada tema proposto, para cada ideia individual.

## Os fundamentos do design

Iniciando minha carreira docente em 1995, percebi bem as diferentes abordagens dadas ao que chamamos de fundamentos.

Capa: Livro de Patrícia Pimenta Medeiros lido por Leonardo em sala de aula da Unesp (foto da autora).

Formei-me designer estudando Kandinsky (e outras figuras da Bauhaus) e Bruno Munari, além da forte linha de descrição da forma abordada por Donis A. Dondis. Esta última, numa influência da Gestalt e do trabalho de Rudolf Arnheim, apresenta com muita clareza os elementos da linguagem visual e suas articulações enquanto técnicas de composição<sup>2</sup>.

Ao assumir disciplinas ligadas à criação e composição gráfica do espaço impresso (chamadas no currículo de Design Gráfico de “Produção Gráfica” e “Projeto”), busquei na mesma fonte minhas primeiras aulas. Com o desenrolar dos anos 90 e 2000, vi, porém, muito destes teóricos serem, como eu costumo dizer, “jogados na fogueira” da reação pós-moderna. Os questionamentos sobre essa “descrição” da forma e da sua percepção por parte do receptor da mensagem foram intensos. Vivemos anos de experimentação e libertação das muitas regras de “bom” design que nos envolviam. Nesse “vale tudo” gráfico, muito de positivo ficou, mas vivíamos um período de alguma ausência teórica, onde tudo parecia incerto.

A partir de 2005, aproximadamente, alguns designers-pesquisadores começaram a posicionar-se diante de um tempo que já podia ser visto e analisado pelo lado de fora. O chamado “design pós-moderno” já não se encaixava numa visão contemporânea do design. Muitos livros passaram a revisar a história do design, entendendo como conquistas toda construção teórica e prática de um “design moderno” e também a liberdade alcançada por um “design pós-moderno”.

Autores como Ambrose & Harris (2009), Ellen Lupton (2008), Thimoty Samara (2008), Phillip Meggs (2009)<sup>3</sup>, entre outros, passaram a revisar a história recente do design e a visitar conceitos “antigos”, como os elementos fundamentais de construção da forma, as forças compositivas, o papel dos grids, da tipografia, das cores e das imagens na construção gráfica.

Lupton & Phillips (2008) comentam que os designers da Bauhaus acreditavam não apenas numa maneira universal de descrever a forma, mas também na interpretação universalizada. Já a reação pós-moderna deu-se numa forte rejeição a uma comunicação universal. Como essa ideologia pós-moderna dominou a academia dos anos 80 ao início dos anos 2000, o trabalho dos designers prendeu-se às referências culturais e criação de mensagens cada vez mais dirigidas e restritas a leitores específicos. Hoje essas referências tem sido repensadas e o que se nota em termos bibliográficos é uma revalorização de conceitos ligados a um design mais universal, onde a forma é descrita, inclusive, pelo seu próprio processo de criação e produção com o auxílio de

**2** O livro de Dondis citado é o conhecido *Sintaxe da Linguagem Visual* (primeira edição: Massachussets, 1973), editado e reeditado no Brasil pela editora Martins Fontes (última edição data de 2007). Já Rudolf Arnheim possui uma bibliográfica ampliada. Seu livro considerado mais completo é *Arte e Percepção Visual*, editado pela primeira vez no Brasil pela EDUSP, em 1980.

**3** As datas das primeiras edições destes livros são, respectivamente, 2003, 2008, 2008 e 2007.

tecnologias. Já a recepção da forma hoje é vista como um processo bem mais complexo que o descrito pelos primeiros gestaltistas.

“Num retorno à Bauhaus, livros básicos de design vem recorrendo, sem cessar, a elementos como ponto, linha, o plano, a textura e a cor, organizados em princípios de escala, contraste, movimento, ritmo, equilíbrio.” (Lupton & Phillips, 2008)

Diante de retomadas e mudanças, uma visão da evolução do design gráfico e a discussão de conceitos e teorias na contemporaneidade passaram a ter um papel importante nas disciplinas de produção gráfica. Exercitar o olhar para ver e analisar as diferentes formas de composição gráfica e seus elementos e projetar sobre diferentes posicionamentos e conceitos precedem o exercício citado de criação de um pré-livro em sala de aula.

### O leitor dos pré-livros

Procurando um aprofundamento da atividade projetual, que considera o usuário como foco central da busca de soluções para produtos - quer objetos, quer produtos de comunicação ou informação - passamos a estudar e interagir com crianças no processo de desenvolvimento de objetos de design. Desde que este estudo foi por nós iniciado, não mais paramos de nos envolver com o universo infantil: rico, complexo, amplo e profundo. Mantemos um estudo multidisciplinar, na busca de construir um repertório diversificado e apropriado para enriquecer e consolidar o processo criativo e projetual.

As teorias relativas à criança, dentro de áreas como a pedagogia, a psicologia, arte-educação e literatura infantil são abordados pelos alunos do curso de design em pesquisa e seminários. A diversidade nesta área faz com que também haja abordagens diversas em sala de aula, tornando o conteúdo mais rico.

Tenho pesquisado também novas áreas do estudo da criança na contemporaneidade<sup>4</sup>. Algumas não vêm apenas enriquecer às descobertas da psicologia ou fornecer novas aplicações pedagógicas, mas apontam mudanças profundas nos paradigmas pelos quais se vê e enquadra a criança na sociedade. Há um crescente interesse pela criança contextualizada num mundo atualizado e globalizado.

Segundo Sarmiento (in Dornelles, 2007), as novas perspectivas para ver a criança passam pelos estudos das Ciências da Educação (Sociologia da Educação, Tecnologia da Informação, Comunicação e Expressão Artística), pela Sociologia da Infância e Antro-

4 Em Domiciano, 2008. Tese de doutorado.

pologia, áreas que se juntam á psicologia para vislumbrar a criança como um todo em estudos multidisciplinares.

Na contramão das posições perpetuadas por anos - da criança como uma mera receptora das ações, ensinios e direção dos adultos, um ser ainda indefeso, incompleto, um "vir a ser" - as novas pesquisas na área da infância reposicionam a criança como um ser produtor de cultura.

"As crianças são produtoras culturais. Não são receptáculos passivos das culturas adultas, mas sujeitos activos na produção cultural da sociedade, recebendo através das múltiplas instâncias de socialização cultural as culturas socialmente construídas e dissiminasdas, que interpretam de acordo com seus códigos interpretativos próprios." (Sarmiento, in Dornelles, 2007)

Uma nova visão sobre a infância é instaurada, onde a criança encontra-se num processo de apropriação, reinvenção e reprodução, principalmente através das linguagens e das rotinas culturais.

"A criança recebe, transforma e recria aquilo que absorve, modifica e dá-lhe novo significado. Não é possível continuar a falar de infância, mas de infâncias, assumindo-se que ela varia de cultura para cultura, de sociedade para sociedade, e mesmo dentro de grupos aparentemente uniformes." (Trevisan, in Dornelles, 2007)

Outro ponto de preocupação de novos estudos é com a sociedade globalizada e seu impacto na criança, ou a própria influência da criança nessa sociedade. Para a indústria cultural e a sociedade capitalista, a criança é uma polpuda fatia de mercado, de consumo: as crianças vivem um processo de "adultização precoce". (Sarmiento, in Dornelles, 2007)

Com a globalização dos meios de comunicação, o estilo de consumismo associado às sociedades capitalistas difundiu-se do centro para a periferia.

"O mercado infantil adquiriu uma importância extrema, sobretudo por duas razões: pelo impacto que as mensagens dirigidas às crianças têm junto delas e pelo papel que as crianças podem desempenhar ao influenciar a compra de produtos pelos pais." (Trevisan, in Dornelles, 2007)

**5 Museo dei Bambini – MUBA, instituição sediada em Milão especializada na realização de exposições interativas para crianças (site: [www.muba.it](http://www.muba.it)).**

**6 A Associazione Bruno Munari foi fundada em 2001 pelo filho de Bruno, Alberto Munari. Entre outros projetos, procura divulgar o Método Bruno Munari. (site: [www.brunomunari.it](http://www.brunomunari.it)).**

**7 Editora italiana responsável pela edição de mais de 60 títulos de Munari, mantendo sua obra disponível. O designer cuidou da imagem da editora por mais de 20 anos.**

Um outro ponto de destaque nas pesquisas recentes sobre a infância enfatizam a voz da criança e suas expressões também através dos processos de representação e dos artefatos produzidos. As ações infantis são dotadas de sentido. Os desenhos da criança, por exemplo, manifestam várias esferas culturais: a família, a cultura local, a cultura nacional, a cultura escolar, a cultura global (George Simmel, citado por Sarmento, in Dornelles, 2007), e todo o universo simbólico do qual a criança faz parte.

## **Livro, Pré-livro e livros experimentais**

O livro convencional enquanto objeto de design também é abordado na disciplina em questão. Desenvolvemos desde o livro convencional, com sua história de séculos atrelada à tipografia, até a libertação gráfica do livro do século vinte e as experiências e a virtualização do livro do século XXI.

Acreditamos que o designer deve dominar o objeto livro em suas diferentes facetas. A escolha, porém, de valorizar o mais tátil de todos os livros reforçou-se no estudo da própria criança, rapidamente citado acima, e da importância de valorizar o ser infantil em todos os seus aspectos e sentidos. Outro fator que valoriza os pré-livros enquanto projeto é a experimentação. O aluno de design chega aos últimos anos de curso cheio de “cartas na manga”, soluções pré-concebidas, fórmulas e templates que resolvem a maior parte de seus produtos gráficos. Com o pré-livro, uma nova forma de fazer acaba por ser necessária: o público é diferente, as possibilidades de materiais e suportes são diversas e os processos necessários à produção do projeto muitas vezes estão por ser criados. Assim, novas posturas metodológicas acabam sendo desenvolvidas e adotadas.

## **Revalorização de Bruno Munari**

Nessa onda de revisão de conceitos, esbarramos também numa revalorização de nomes da história do design. Um deles é justamente Bruno Munari, autor dos pré-livros que nos inspiraram neste exercício didático.

Munari tem sido intensamente homenageado, estudado e reeditado pelos seus conterrâneos italianos (MUBA - Museo dei Bambini<sup>5</sup>, ABM - Associazione Bruno Munari<sup>6</sup>, Editora Corraini<sup>7</sup>). Novas facetas apresentam-se a medida que sua obra teórica e prática vai sendo revisitada.

Uma destas redescobertas é seu trabalho junto às crianças e o desenvolvimento de produtos para elas. É indispensável ao aluno que cria pré-livros conhecer a obra de Bruno Munari e as motivações iniciais que o levaram a criar esse projeto. Já tratamos dessas motivações em livro anterior<sup>8</sup>, mas Munari continua a surpreender. Seu filho, Alberto Munari, psicólogo e epistemólogo, organizou, inclusive, o “método Bruno Munari”, onde a brincadeira, os jogos e o toque são primordiais para incentivar a descoberta e a interpretação infantil. As crianças são motivadas, inclusive, a fazer seus próprios pré-livros.

Recentemente recebemos no Brasil uma exposição<sup>9</sup> que mostra um pouco deste universo proposto pelo designer há tantas décadas e que, talvez somente agora, seja entendido na sua totalidade. Prova que ele estava mesmo à frente do seu tempo. As figuras de 1 a 17 procuram dar uma idéia melhor sobre os conceitos deixados por Munari e explorados em “Proibido não Tocar”.

É importante registrar que outros autores usaram também da linguagem dos livros para expressar ideias não verbais, ainda que não visando um público específico, infantil, como a artista plástica brasileira Lygia Pape e seu Livro da Criação (1959/1960), criado quando a artista participava do movimento Neoconcreto.

**8** Em Domiciano at al, 2010, páginas 138 e 139.

**9** A exposição “Proibido Não Tocar” foi organizada pelo MUBA e pela ABM, e recebida no Brasil pelo SESC. Circulou por várias cidades do estado de São Paulo em 2009. As imagens de 1 a 17 são fotografias feitas pela autora no Sesc de Bauri.



**Figuras 1 a 6** Livro Toc-Toc, de Bruno Munari (Editora Corraini, 2008), disponível para ser lido e tocado na visita à exposição “Proibido não Tocar”. O livro é cheio de elementos feitos para despertar a curiosidade da criança leitora: papéis em formatos diferentes, pequenas janelas, encartes, dobras.



**Figuras 7 e 8** Crianças interagem com um espaço tão tátil quanto os livros de Bruno Munari.



**Figuras 9 a 12** Mesa usada para a construção de pré-livros. Diferentes materiais permitem a criação de páginas experimentais, posteriormente encadernadas pela própria criança.



**Figuras 13 e 14** Uma “árvore” foi montada para os 12 pré-livros de Munari. Os pequenos livros, em materiais diversos, encontravam-se pendurados para uma leitura diferenciada.



**Figuras 15 a 17** Projeto “Menos é Mais”, onde páginas com figuras em transparências podem ser escolhidas e sobrepostas, permitindo a criação de histórias e novas ilustrações. Novo suporte e a presença da luz são os elementos de inovação em um projeto pioneiro.



**Figura 18** Criança vasculha cada parte do livro, feito de materiais bem alternativos, no uso de uma “metodologia às avessas” (foto de experiência de leitura feita pela autora em 2003)

## METODOLOGIA “AS AVESSAS”

Toda essa pesquisa teórica, a busca e análise de referências e os trabalhos anteriores realizados na disciplina - como criação de capas e demais elementos que compõem o projeto gráfico de livros convencionais - fazem parte do processo necessário que prepara o aluno para um projeto mais experimental.

Ao longo destes anos, porém, percebo que o início do processo de criação do pré-livro não é fácil ao aluno. Alguns vícios já foram estabelecidos. Mal se pensa em um projeto e o designer já se coloca à frente do computador, com todo o aparato de programas ativado.

Comecei a refletir sobre esse processo diante de um aluno que não conseguia criar. As linguagens gráficas por ele utilizadas, até mesmo as mais básicas, como lápis e papel, não o ajudavam. Sugeriu-lhe então um passeio pelo centro da cidade, incluindo visitas à lojas de armarinhos, lojas de tecidos, papelarias e lojas de baixo custo (as chamadas “1,99”). Pedi-lhe que “conversasse” com os materiais. O resultado foi surpreendente e aprovado por um bom número de crianças que interagiu com seu livro: o cotidiano registrado através do tecido xadrez da toalha da mesa da cozinha, da cortina plástica do box do banheiro, da textura dos papéis de parede, dos pêlos de um bicho de pelúcia e outros tantos pequenos objetos cotidianos que acabaram por compor um livro cheio de taticidade e interação. Não recorro o nome deste designer, mas ficaram as fotos de seu trabalho e a experiência de um processo de criação que se iniciou pelo material final de confecção do objeto.

Portanto, pensar um produto cuja materialidade e taticidade são o foco exige muitas vezes uma postura metodológica diferenciada. O paradigma “levantamento do problema – esboços – protótipos – soluções” acaba não funcionando em muitos destes projetos e há a necessidade de aplicar uma “metodologia às avessas”, onde materiais e materialidade “falam” ao criador.

Uma pesquisa de possibilidades, de processos de impressão e acabamento, de papéis, tecidos, materiais sintéticos, naturais, duros, maleáveis, foscos, transparentes, etc aliada à uma concepção criativa de um texto visual, constroem um mundo de possibilidades para o leitor que vê e toca o livro.

Essa experiência metodológica é para mim um dos pontos altos do exercício com o pré-livro. A busca, inclusive, de uma nova forma de fazer, produzir e reproduzir pode gerar novos processos gráficos. Afinal, estes surgem da necessidade humana de comunicar-se e expressar-se para um número maior de pessoas, através de ferramentas de reprodução.

## EXPERIÊNCIAS DE LEITURA

A partir de 2002, aproximadamente, introduzi no projeto dos pré-livros uma experiência de leitura dos trabalhos produzidos por crianças. A princípio, estabelecemos uma parceria com o CCI (Centro de Convivência Infantil) da Unesp, campus de Bauru. Essa excelente escola infantil atende aos filhos de professores e funcionários da universidade. Realizamos leituras livres, onde as crianças, divididas por idade, desfrutavam de toda a produção de pré-livros do semestre. Os autores podiam observar o resultado de seus trabalhos junto ao público leitor de destino. Muitos tinham pouco contato com crianças e esta experiência foi gratificante.

No ano de 2005, outra escola nos abriu espaço para a atividade (Recanto das Ovelhinhas – escola particular de Bauru) e novamente o retorno foi muito positivo. Nos últimos dois anos, temos levado à sala de aula crianças para desfrutar da leitura dos pré-livros e ter contato direto com os autores das obras.



**Figura 19** Criança e um pré-livro, onde as imagens são costuradas na página pelo leitor (foto de experiência de leitura feita em escola de Bauru em 2004)



**Figura 20** O pré-livro aproxima criança e adulto no processo de leitura (foto de experiência de leitura feita em escola de Bauru em 2005)



**Figura 21** Crianças interagem com um pré-livro, transformando-o num brinquedo coletivo (foto de experiência de leitura feita em escola de Bauru em 2005)



**Figuras 22 e 23** Criança mergulha no "mundo do pré-livro", transformando-se num personagem do mesmo (foto de experiência de leitura feita pela autora em 2005. Livro "Festa", de Ricardo Rinaldi)



**Figuras 24 e 25** As leituras proporcionaram aos futuros designers uma visão diferenciada dos resultados dos seus projetos. Danielle de Almeida Pacheco Thomaz observa junto com Fabricio de Lima Martins Pereira a manipulação de seu livro-colcha, cheio de detalhes e surpresas.



**Figura 26** Crianças interagem com pré-livros em sala de aula da universidade, observadas pelos autores dos trabalhos. Ano de 2009.

## ALGUNS DOS MUITOS LIVROS PRODUZIDOS

Minhas experiências didáticas com os pré-livros começaram em 1995. Registrei muitos destes trabalhos iniciais, porém, além da tecnologia um pouco incompatível com nossos dias (registros em slides para posterior exibição aos alunos dos anos seguintes), havia da minha parte, talvez uma falta de percepção a respeito do valor dos resultados que iam sendo alcançados. Esses trabalhos não contam, em razão disso, com os créditos necessários para publicações. Assim, os trabalhos analisados são mais recentes e representam uma pequena amostra diante dos, calculo, mais de 600 pré-livros criados na disciplina de Produção Gráfica.

Valorizei aqui um registro na linguagem mais intensa com a qual o designer “fala”: a visual. Todas as fotografias que se seguem foram feitas por mim ao longo dos anos, em diferentes circunstâncias e lugares.



**Figuras 27 a 31** O pré-livro de Aline Luciano da Silva retrata bem a expressão “metodologia às avessas”. A autora do trabalho explorou ambientes do dia a dia da criança e transpôs para o livro através de materiais simples, com recortes e texturas. Ano: 2004



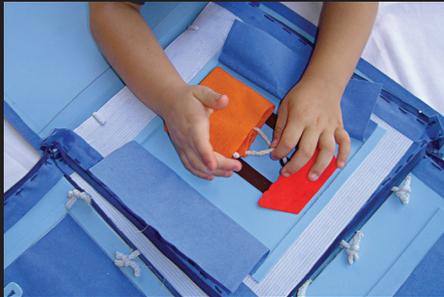
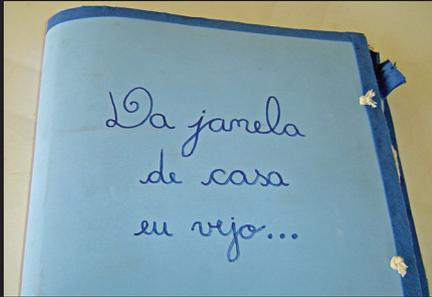
**Figuras 32 e 33** O mesmo livro das figuras 27 a 31 em leitura numa escola infantil. O produto agradou tanto meninos como meninas.



**Figuras 34 a 36** Livro "De Fio a Pavio", de Elizabeth Rossi de Grande, contando a história da lagarta que vira borboleta de uma forma bem tátil. A lagarta passeia pelas páginas levemente abstratas representada por um fio de lã preto. Sua versão borboleta, por sua vez, é multicolorida, leve e transparente, numa junção de brilhos, tecidos e outros materiais de armarinho, como fitas e rendas. Ano: 2004



**Figuras 37 e 38** O livro "De Fio a Pavio" sendo visto e tocado.



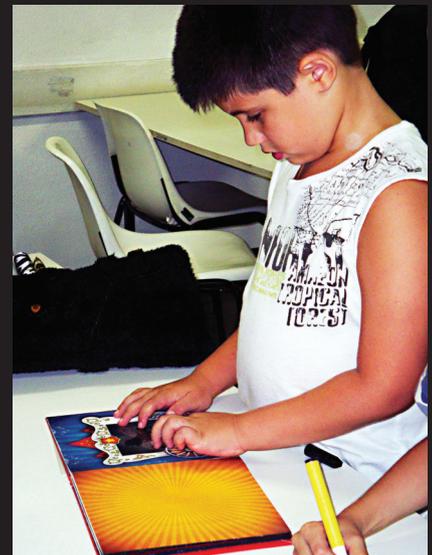
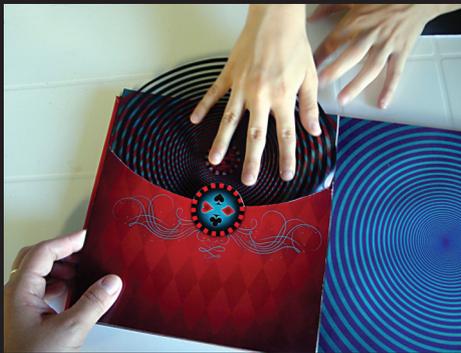
**Figuras 39 a 45** Trabalho de Paula Ligo, em EVA e feltro. O primeiro formato do livro, em páginas, logo se transforma pelo uso de zíperes. Surge um ambiente tridimensional para a criança brincar e criar. Ano: 2003



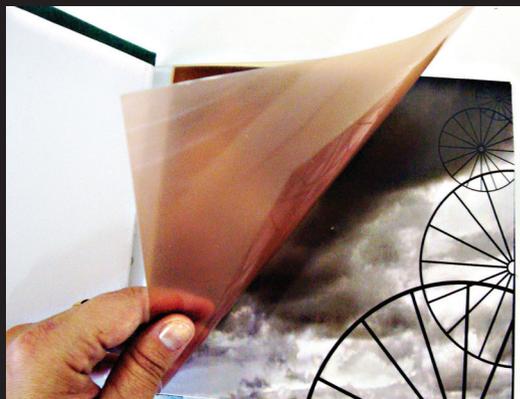
**Figuras 46 a 48** Livro de Bruno G. Rodrigues, de 2009, onde os animais são lembrados pelas texturas, cores e estampas. Grande quantidade de materiais se encarrega de gerar a taticidade. O tema atrai principalmente os meninos, pois recebe uma pitada de mistério, uma vez que não há figuras dos animais, apenas índices. Um exemplo é a página retratada na figura 46: cobras? Rabos? A abstração apresentada estimula a imaginação. O tamanho do livro reforça estes elementos.



**Figuras 49 e 50** Detalhes do livro de Bruno G. Rodrigues. Meia, telas, corino e botões tornam-se línguas, peles e escamas.



Figuras 51 a 58 Livro com tema “circo”, de Leandro Gazignato Caetano, feito em 2009. O princípio do *moiré*, é diferentemente explorado, somando-se a outras técnicas. Na sequência percebe-se a sobreposição e manipulação de acetatos sobre páginas coloridas, gerando novas formas e movimento. Algumas páginas são bem abstratas enquanto outras, mais figurativas. Todas porém apresentam uma forte relação e identidade visual com o tema proposto. Na penúltima figura, criança e autor brincam juntos em sala de aula da universidade.



**Figuras 59 a 63** O *moiré* também foi usado em página do pré livro de Silvia Otofugi, somado a outros recursos de criação de páginas interativas e abstratas, como transparências e facas especiais, atraentes também para crianças maiores.



**Figuras 64 a 66** Um princípio simples, mas muito atraente aos pequenos foi usado por Igor Maximiliano, em 2009, no livro *Risca e Rabisca*: com caneta que apaga sobre material plástico, a história do livro poderia ser completada pela própria criança, sobre cenários cotidianos.



**Figuras 71 a 79** Os tecidos e a costura também foram material e técnica principais do trabalho de Débora Jacinto, de 2010. Neste projeto, contas, tules, fitas e rendas transformam-se em açúcar, ovos, farinha... a colher de pau e as referências visuais (tecidos florais diversos) resgatam uma atmosfera de “casa da vovó” e a brincadeira de “faz-de-conta”, tão importante na fase pré-escolar. Nos pré-livros há uma valorização da experimentação de quem faz e também da experimentação de quem lê.



**Figuras 67 a 75** Os animais foram temas recorrentes nos livros, como também o uso de costura e materiais “fofos”, com muitas texturas, como feltros, EVAs, materiais de armarinho. Nos trabalhos de Clarice Diamantino, Amalia Lage e Luiza Sequeira, todos de 2009, os animais podem ser vistos em diferentes enfoques, como aqueles com hábitos diurnos e noturnos, os animais em seus habitats ou ainda em formato “animista”, onde o porquinho assume hábitos humanos e ensina à criança noções de higiene. Mover, abrir e fechar, tirar objetos, enfim, brincar e interagir garantem o interesse infantil. Ano: 2009.

### Agradecimentos:

Agradeço aos alunos, aqui citados pelo nome ou não, que desde 1995 me acompanharam nesta minha paixão pelos livros e pré-livros, aventurando-se na experimentação de materiais e metodologias. Não me lembro de muitos dos seus nomes, mas foram todos importantes neste processo. Às crianças que nos possibilitaram não apenas “testar produtos”, mas aprender com seus gestos, olhares, sorrisos e comentários preciosos. Especialmente ao Guilherme, Natan, Pedro Henrique e Leonardo. Ao Centro de Convivência Infantil da Unesp e Recanto das Ovelhinhas, escolas de Bauru, que colaboraram nos processos de leitura com crianças.

## CONSIDERAÇÕES

Noto que a experiência com os pré-livros abre a visão do designer para projetos diferenciados, quer pela nova experiência metodológica, quer por conhecer um novo leitor/usuário/consumidor que é a criança, cada vez mais entendida como ser completo e participante da sociedade.

Percebo o prazer e a empolgação de grande parte dos alunos em criar tal peça, uma vez que as possibilidades de materialização das ideias procuram ir além do suporte papel, com o qual se trabalha na maioria dos projetos gráficos. A exploração de novos materiais abre um leque de possibilidades, não somente para a produção de pré-livros, mas de outros tipos de livros e peças gráficas em geral. O interesse pelo assunto tem levado alunos a darem continuidade ao trabalho, transformando-o em tema de projetos de conclusão de curso, com resultados excelentes.

## REFERÊNCIAS

- AMBROSE, G. HARRIS, P. *Fundamentos do design criativo*. Porto Alegre: Bookman, 2009
- ARNHEIN, Rudolf. *Arte e Percepção Visual*. São Paulo: Edusp, 1980
- DOMICIANO, C. L. C. *O Designer e a Produção Editorial: do Livro ao Pré-livro*. Anais do 4º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo, Faculdade de Belas Artes do Instituto Alvares Penteado, 2004
- DOMICIANO at all. *Ensaio em design. Arte, ciência e tecnologia*. Ed. Canal 6, 2010
- DOMICIANO, C. L. C. *Livros infantis sem texto: dos pré-livro aos livros ilustrados*. Tese de Doutorado. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança, 2008. Em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8528>
- DONDIS, D. A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991
- DORNELLES, L. V. *Produzindo pedagogias interculturais na infância*. Editora. Petrópolis, RJ, 2007
- LUPTON, E. PHILLIPS, J.C. *Novos Fundamentos do Design*. São Paulo: Cosac Naify, 2008
- MEGGS, P. PURVIS, A. *História do Design Gráfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- MUNARI, B. *Das Coisas Nascem as Coisas*. Edições 70, Lisboa, 1988
- POYNOR, R. *Abaixo as regras. Design gráfico e pós-modernismo*. Porto Alegre: Editora Bookman, 2010.
- SAMARA, Timithy. *Elementos do design. Guia de estilo gráfico*. São Paulo: Editora Bookman, 2010
- SAMARA, Timithy. *Grid: construção e desconstrução*. São Paulo: Cosac Naify, 2007
- SAMARA, Timithy. *Evolução do design: da teoria à prática*. São Paulo: Editora Bookman, 2010



## CASSIA LETICIA CARRARA DOMICIANO

Professora do curso de Design da Unesp-Bauru desde 1995. Graduada no mesmo curso onde leciona, fez mestrado em Desenho Industrial pela Unesp e doutorado em Estudos da Criança - Comunicação e Expressão Plástica - pela Universidade do Minho, Portugal. Coordena o laboratório de Design Gráfico Inky Design desde 2001. Integra o grupo de pesquisa Design Gráfico Contemporâneo. Desenvolve pesquisas nas áreas de Produção Gráfica e Design Editorial, com um particular interesse nos produtos gráficos para as crianças.